

Com medo de crescer e ser feliz

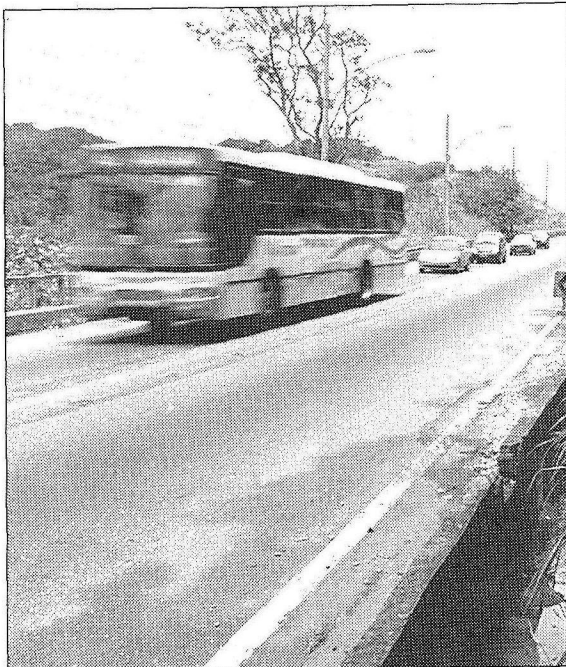
Rio - João Paulo Engelbrecht

O Brasil está perplexo com a decisão do governo de elevar o superávit primário acertado com o Fundo Monetário Internacional e pagar ainda mais a dívida externa em detrimento do aumento dos investimentos no país. O próprio ministro da Fazenda, Antonio Palocci, já revelou que a arrecadação deste ano ficou acima de todas as previsões e que a folga poderá chegar a mais de R\$ 10 bilhões. Este resultado é alcançado sem falar na arrecadação da Cide-Combustível, um tributo que é cobrado na bomba de gasolina de todos os brasileiros, destinado à conservação das rodovias, ferrovias e portos, e que vem sendo guardado pela União há três anos. Neste período, o governo já arrecadou e não aplicou mais de R\$ 18 bilhões.

As contas do governo, com tanta contração em investimentos, vão muito bem. No Ministério da Fazenda e no Banco Central todos estão rindo a valer. O cofre está cheio, os pagamentos aos bancos internacionais vem sendo efetuados rigorosamente em dia há quase dez anos. Mas fora de Brasília, onde se coleciona elogios do mundo, a situação dos brasileiros é desesperadora.

Faltam milhões de empregos, as empresas, além de pagarem as taxas de juros mais elevadas do mundo, continuam sem serviços em uma nação onde mais da metade das rodovias está em condições ruins e péssimas, as ferrovias continuam com a mesma dimensão de 30 anos atrás. É bom lembrar que há 30 anos o Brasil não exportava mais de US\$ 20 bilhões. Hoje, as exportações chegam a quase US\$ 100 bilhões. E falta tudo. Os portos estão desaparelhados, os trens são insuficientes. A hidrovia não existe e as rodovias em precárias condições oneram demais o custo do frete e encarecem as mercadorias, além de colocarem o país na vergonhosa posição de líder mundial em acidentes com mortes. No Brasil, onde existe uma frota de 32 milhões, que é 15% da frota dos Estados Unidos, morrem mais pessoas em acidente de trânsito do que no território americano. Tudo isso porque os brasileiros são loucos de andarem em grande velocidade em estradas precárias e assassinas, cheias de buracos, curvas perigosas, etc.

O Congresso Nacional começa agora a examinar o orçamento para 2005 e os meios de comunicação dão a ele o apelido de “o



ESTRADAS mal conservadas encarecem o transporte e se transformam em gargalo para o crescimento

orçamento diet de Mantega”. Nele, o Governo prevê uma receita de R\$ 457 bilhões para o próximo ano e apenas R\$ 11,4 bilhões de investimentos públicos. Além disso, o governo reservou R\$ 2,8 bilhões para emendas de parlamentares que acabam não acontecendo na sua totalidade por causa do natural jogo político. O governo tem ainda em caixa de alguns fundos não aplicados em 2003 e 2004 cerca de R\$ 2 bilhões. Tudo isso representa R\$ 16 bilhões. É muito pouco para uma Nação que pretende continuar crescendo a uma taxa de 5% ao ano.

O país está crescendo hoje porque as pessoas readquiriram confiança no governo e estão consumindo mais. As indústrias estão produzindo mais e usando a sua capacidade instalada há muitos anos. Os juros estavam com tendência de queda e tudo sinalizava que o país finalmente tinha feito a opção pelo crescimento, pelo pleno emprego e pelo bem-estar social.

Mas o orçamento magro e a decisão de elevar os juros e o superávit fiscal acima do que foi combinado com o FMI representam uma sinalização preocupante. Por que ter medo de crescer? A Rússia, a China e a Índia estão crescendo há anos a uma taxa superior a 5%. As exportações desses países estão bem superiores às nossas e os seus investimentos públicos também são mais elevados do que os nossos.

Não defendo a realização de investimentos irresponsáveis e muito menos uma economia desequilibrada e desorganizada. Os empresários querem uma economia organizada para poder

retomar os investimentos. Mas não abrem mão do estado indutor do desenvolvimento e responsável pela solução de alguns gargalos na infra-estrutura.

Não se deve ter a ilusão de que todos os investimentos virão da Parceria Público-Privada (PPP), este novo sistema de financiamento ao setor de infra-estrutura. Ele é um novo e importante instrumento que o País vai criar. Mas ele é apenas mais uma alternativa.

No início do governo Fernando Henrique se tinha a ilusão de que iria se privatizar tudo e que viria muito dinheiro - cerca de US\$ 600 bilhões - para investir em infra-estrutura. Nada disso aconteceu. Quem investiu em privatização mesmo foram as empresas brasileiras e com recursos gerados aqui.

Durante os anos 70, o Brasil investia 1,6% do PIB em infra-estrutura de transporte. Hoje, os investimentos públicos previstos para 2005 não chegam a 0,5% do PIB. Atualmente, o governo arrecada com a Cide-Combustível cerca de R\$ 10 bilhões por ano e não aplica o dinheiro conforme a Constituição prevê. Cerca de 50% dos recursos estão congelados no Tesouro, enquanto milhões de brasileiros estão sem emprego e o setor de transporte representa um obstáculo grave ao crescimento.

Não estamos solicitando ao governo que invista o que não tem ou que se endivida para investir e garantir o crescimento. Mas guardar dinheiro com o povo morrendo de fome e desempregado e as empresas vivendo à míngua e sem perspectivas, é não querer entender o recado das urnas e não querer lembrar do slo-

gan, *sem medo de ser feliz.*

O presidente Lula não tem de saber tudo e para isso ele tem uma grande equipe. Mas precisa ser alertado para os equívocos. O regime que estão impondo ao país é severo demais. Se não houver investimento em um país que está há mais de 20 anos sem investimentos, vai ocorrer um “apagão logístico”, como já houve na energia no governo Fernando Henrique. Que venha o PPP, ele é muito importante para o País. Mas não se pode parar o País esperando durante anos por uma novidade salvadora. Ele é mais um instrumento. Mas os que já existem têm de funcionar. No próximo orçamento há ape-

nas uma grande obra, que é a transposição do Rio São Francisco, que será licitada nos próximos seis meses. O país precisa de muita coisa que não se fez nos últimos vinte anos. O país precisa de mais empregos, mais bem estar-so-

cial e menos violência e assaltos nas grandes cidades.

O país precisa crescer e ser feliz e isto só se consegue com investimentos em infra-estrutura e criando-se um cenário de euforia e de grandes esperanças para que o setor privado volte a investir. É hora de decidir se vamos manter um crescimento saudável nos próximos anos. Os exemplos da China e da Índia estão presentes e são muito oportunos. Chegou a hora de superar o medo de crescer e construir uma nação mais feliz e com mais esperança e oportunidades para todos os brasileiros. Foi compromisso de campanha deste governo, é o sonho de todos os brasileiros.

Presidente da Associação Nacional das Empresas de Obras Rodoviárias (Aneor)

“É hora de decidir se vamos manter um crescimento saudável”